

EM HOMENAGEM AOS MESTRES

O presente número da "Revista" inaugura a seção "EM HOMENAGEM AOS MESTRES", destinada a manter viva a memória da "Casa de Afonso Pena", pela reverência carinhosa das gerações atuais ao trabalho de inteligência e de cultura das gerações anteriores e ao imperecível legado de prestígio e de influências no universo das letras jurídicas, deixado especialmente nas páginas de nossas edições.

Carlos Campos e Pedro Aleixo, o primeiro, falecido há justamente vinte e cinco anos, e o segundo, recentemente, são as figuras presentes a esta evocação. Aqui fica a prova inequívoca de que a permanente atualidade de seus pensamentos permite identificá-los no amálgama dos ideais de sua velha e adorada "Escola".

Um artigo de evocação de antigos discípulos, hoje destacados profissionais e mestres, e um trabalho da própria lavra do homenageado, constituem este registro singelo e carinhoso.

CARLOS CAMPOS, MESTRE E AMIGO

José da Rocha Paixão

Num dado momento, acontecido quando ainda estava escolhendo abordagens e rotas, um clarão iluminou-me e iluminou o até então escuro envolvimento. Não foi apenas um relâmpago, o acender de uma lâmpada, o correr de uma cortina; fatos todos impessoais, dos quais só resta aproveitar ou desdenhar. Foi um clarão também interior, pessoal, comprometido, participante. Dele fui, ao mesmo tempo, espectador e autor.

Esclareceu-me ele, e esclarecí-o eu mesmo, ser quase um injustificado esforço estar eu a procurar fórmulas de transmitir Carlos Campos. Melhor faria (ou quiçá só assim faria o verdadeiramente correto) limitando-me: que o leiam no original. Seus livros aí estão. Seus artigos, é só procurarem um pouco. De sua própria pessoa muitas lembranças persistem. Que o leiam para aceitá-lo ou contesta-lo. Que o leiam para concluir, como concluí eu, ser ele o maior e o mais profundo jus-filósofo do Brasil; ou que o leiam para contraditá-lo, para negá-lo.

Máximo, máximo, à guisa de tentativa de sedução aos que seu pensamento ainda não conhecem, poderia trazer-lhes, neste breve artigo, alguns dos mais marcantes momentos de suas obras, simplesmente transcrevendo-os ou atrevidamente comentando-os. Poderia, numa outra opção (talvez esta mais amplamente justificadora de sua obra), dizer da permanente extrema atualidade das idéias de Carlos Campos. Por exemplo: ainda em recente obra, "Conhecimento Objetivo", de Sir J. M. Popper, há uma retomada do pensamento de Hume,

há um revigoramento da indução e das experiências da vida. Pois este mesmo Hume foi também retomado por Carlos Campos que, em seu livro "Ensaio sobre a Teoria de Conhecimento", assim o retifica:

— "Hume situou acertadamente o problema da causa no domínio chamado empírico, mas não tendo visto que o empírico não é mais do que o elemento dado na experiência não constante, que nem sempre fazemos, onde não há a ilusão da demonstração lógica, da necessidade lógica, teve de supor um domínio para as idéias necessárias e nem tudo pôde explicar com a experiência. Não viu que o que faz a ilusão da evidência imediata, da necessidade lógica é a experiência inevitável que, como realidade que está em tudo, nos cerca por todos os lados, impossibilitando a associação do diverso, do diferente, do contrário, por falta de experiência da ausência desse elemento inevitável, como o espaço, a extensão, a quantidade".

Depoimento melhor, porém, creio posso dá-lo sobre a pessoa de Carlos Campos. Fui seu aluno, fui seu amigo, acompanhei-o, escutei-o, recolhi dele impressões sobre fatos e coisas menores e maiores.

Como professor, como ocupante físico de uma cátedra, Carlos Campos, sem o notar, posicionava-se olímpicamente. Dava as suas aulas como se estivesse num cenáculo. Seus alunos credenciava-os naturalmente num plano tal que, nem de longe, lhe ocorria a idéia de que poderia não estar sendo completamente compreendido.

Otimista incorrigível e fundamental que sempre o foi ("Não há, nunca houve, nenhum fato de prática geral e permanente que houvesse agido contra os interesses essenciais do ser humano, por mais absurdos, incoerentes e extravagantes que nos pareçam"), Carlos Campos sempre considerou, a mais, a humanidade. Lembro-me de uma vez quando, agradecendo uma visita, referiu-se à intuição feminina, presti-

giando-a (ele, um ultra-racional) como um elemento básico na busca e encontro do acerto e da verdade. Lembro-me quando ele, reelaborando, numa das mais soberbas lições de vida, determinada difícil experiência particular, dizia:

— “O gosto não se deve abandonar mesmo no desgosto”.

Lembro-me bem quando, tomando conhecimento das insubordinações dos alunos, dos seus movimentos sediciosos, desaconselhava a repressão ou a vindita. Segundo ele, o uso dos descaminhos era, na maioria das vezes, o melhor dos modos pelo qual se volta, consciente e perene e duradouramente, à “estrada real da normalidade”.

Lembro-me quando, perguntado sobre que denominação dar à sua escola filosófica, respondeu:

— “Poderia ser... o experimentalismo” (“onde faltam os materiais da experiência, falta também a possibilidade de pensar”. “Nas alucinações sintomáticas como nas oníricas nada existe que não tenha sido dado na experiência progressa, e que sem esta é impossível pensar, mesmo alucinatoriamente”).

“A consciência, surgida da experiência em face da realidade, é constituída dos materiais dessa experiência”.

“Vivendo nós no mundo do espaço e do existente, dos seres, onde temos de incluir o próprio espaço, impossível pensar o não-ser, o inespacial. Com a experiência das cousas que aparecem e desaparecem no espaço, podemos fazer a abstração dessas cousas que aparecem e desaparecem, conservando, contudo, o espaço. Mas não tendo nós experiência fora do espaço, impossível eliminar o espaço nas cousas. Pela mesma razão, não podemos eliminar a forma nos objetos da experiência externa, para reter o objeto sem forma. É que não temos experiência de objetos sem forma, ao menos na experiência vulgar, constante, que é a que conta na formação de

nossas faculdades. A forma é como o espaço, um elemento irremovível, está em todas as nossas experiências de cousas. Os outros elementos dos objetos, porque temos experiência dos objetos sem eles, que nos são dados por experiência que nem sempre fazemos, experiência indireta, tátil, olfativa, etc., podemos eliminá-los no nosso pensamento, conservando a forma, o objeto nos elementos da experiência inevitável, e por isso irremovível, de extensão e figura, dados na experiência espacial-visual das coisas”.

— “A mesma cousa para o problema do ser, do inexistente. Vivendo nós no mundo dos seres, do existente, impossível pensar o não ser, o inexistente, a que falte ao menos um elemento de experiência. Nós podemos pensar inexistentes imaginários, isto é, seres compósitos, o bouc-cerf, a sereia, o dragão, constituídos de elementos de nossa experiência. Não podemos pensar inexistentes simples, isto é, um inexistente cujo elemento constitutivo não estivesse em nossa experiência”.

E recordo-me — com quê saudade me recordo! — de sua figura esguia, um pouco encurvada, de sua tosse cava, de seu rosto comprido e ameno, de seu desamor ao frio, de seu cigarro e de sua piteira. Vejo-o, como um único remanescente sólido na deliquescência geral, dedo apontado para cima (mastro da bandeira plantado na sua mão branca), dizendo, ao fim de uma de suas perorações:

— “Esta é que é a verdade”.